

JORGE AMADO, EXÍLIO E LITERATURA*

Eduardo de Assis Duarte**

O exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. Em geral, não têm exércitos ou Estados, embora estejam com frequência em busca deles. Portanto, os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado.

Edward Said

Paris, capital dos exilados

A era capitalista moderna intensifica de modo inédito o deslocamento, o desenraizamento e a conseqüente reterritorialização sociocultural de imensos contingentes migratórios. Homens e mulheres cruzam mares e montanhas, movidos pela busca ou pela fuga, pela crença numa vida melhor ou, noutros casos, para escapar da morte ou da prisão. Além desses, muitos viajam para aprender, descansar ou se divertir. Isto sem falar dos deportados, dos que foram trabalhar como escravos ou morrer em campos de concentração. Durante séculos, os europeus viajaram aos trópicos por esses e outros motivos: conhecer, explorar, construir e intervir no novo mundo. Em troca, alguns brasileiros já chegavam à Europa, desde o começo das navegações, como o canibal narrado por Montaigne. E, ao longo do tempo, só fizeram crescer em número.

Durante o século XIX, o Brasil recebe inúmeros artistas, viajantes e professores franceses. De sua parte, a França acolhe os filhos das elites brasileiras em busca de formação. Nesse movimento predomina evidentemente a relação típica

*Uma versão compacta deste texto foi apresentada na Universidade de Paris 3 – Sorbonne, em novembro de 2002, durante o *Colloque Jorge Amado*, organizado juntamente com a Universidade de Paris.

**Professor da Faculdade de Letras da UFMG, doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela USP e autor de *Jorge Amado: romance em tempo de utopia* (Record, 2.^a ed., 1996).

do centro com a periferia. Um pequeno exemplo pode ser evocado: em 1827, Ferdinand Dennis vem ao Brasil divulgar o Romantismo, a fim de propagar os ideais e procedimentos da nova estética. E é recompensado por um grupo de jovens poetas brasileiros, nove anos depois, com o lançamento, em Paris, da Revista *Niterói* – certidão de batismo do movimento romântico no Brasil.

Capital da era moderna, Paris atrai os brasileiros. Mas nem sempre a relação é de colonizador com colonizado. Em meados do século XIX, a capital francesa recebe a escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta, viúva acompanhada apenas dos filhos, que viaja, observa, comenta e critica em seus livros os costumes locais. Precursora do feminismo no Brasil, Nísia Floresta (1997) condena a displicência com que as parisienses entregavam seus rebentos às *nourrices* para se dedicarem aos compromissos sociais. Morando próximo à Sorbonne, travou amizade com Auguste Comte, sendo uma das poucas mulheres a se corresponder (2002) e a acompanhar o enterro do filósofo. Mais tarde, por ocasião da guerra franco-prussiana e do fim do reinado de Luiz Napoleão, a brasileira viu seu apartamento bombardeado pelas forças que combatiam a Comuna de Paris e tinham o *Quartier Latin* como alvo.

Com o início do século XX, o fluxo de brasileiros aumenta e talvez Santos Dumont seja o mais conhecido. Após a Primeira Guerra e a Revolução Comunista, a capital francesa se transforma em ponto estratégico da política exterior soviética. Nas décadas seguintes, a atuação dos «companheiros de viagem» da utopia igualitarista, as notícias do *Front Populaire*, o engajamento dos artistas e intelectuais franceses na Guerra Civil Espanhola e a resistência aos nazistas, antes e durante o conflito mundial, chegam ao Brasil adornadas de heroísmo. Aos olhos da intelectualidade progressista, a aurora do novo tempo passava necessariamente por Paris.

Em 1946, Jorge Amado é eleito deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro para compor a Assembleia Nacional Constituinte, encarregada de redemocratizar o país após o fim da ditadura de Getúlio Vargas. Aos 34 anos, a vitória eleitoral comprova sua condição de romancista de grande prestígio popular. No entanto, dois anos depois, seu mandato é cassado e o escritor se exila na capital francesa com a esposa Zélia Gattai. Recebido como herói pela imprensa de esquerda, segue, sem saber, os passos de Nísia Floresta: reside no *Quartier Latin* e estabelece relações não apenas com outros exilados brasileiros e latino-americanos, mas também com intelectuais e artistas europeus, como Aragon, Éluard, Picasso e tantos mais.

Ao chegar, Jorge Amado não era de todo desconhecido do público francês. Antes da Segunda Guerra, *Jubiabá* já surgira na França sob a tradução *Bahia de tous les saints* (1938), tendo, inclusive, leitores ilustres. André Gide anota em seu *Journal* (1981) críticas severas ao texto escrito por Amado aos 23 anos e afirma: «não posso me interessar por essa narrativa linear, isto é, sem espessura, unicamente discursiva, embora admita a presença de certas qualidades, aliás vulgares».

Já Albert Camus (1939), mais atento ao fato de que esta «vulgaridade» provinha do projeto amadiano de «escrever para as massas», vê a «utilização comovente de temas folhetinescos, num abandono à vida no que ela tem de excessivo e desmedido». E acrescenta:

Aqui não se discute sobre o amor. Basta amar e com toda força. Aqui não se encontra a palavra fraternidade, mas mãos de negros e de brancos (não muitas) que se apertam. E o livro inteiro é escrito como uma sequência de gritos ou de melopéias, de avanços e de retornos. Nada é indiferente, tudo é comovente.¹

Camus acerta quando detecta os fundamentos do *roman-feuilleton* na base do projeto amadiano. De fato, os procedimentos e estratégias folhetinescas constituem-se em espinha dorsal de um romance que tem o povo como alvo e são em grande parte responsáveis pela grande receptividade da obra em praticamente todo o mundo. É uma ficção que descarta em grande medida o paradigma do romance moderno, marcado pela introspecção e pelos jogos de linguagem. Amado revigora o velho *plot* da narrativa oitocentista e não se furta a apelar ao império da ação, da peripécia e do sentimento.

Conforme constatamos, essa marca registrada – «sou apenas um contador de histórias», repetirá incansavelmente o autor ao longo de toda a sua vida – logo estará assimilada pelos editores locais. Após a guerra, o público francófono terá acesso às aventuras dos coronéis e camponeses de *Terras do sem fim* – na tradução, *Terre violente* – que sai em livro em 1946, mas também em folhetins, no magazine *Femmes Françaises*, no ano seguinte. O romance, escrito sob a censura do Estado Novo, escapa ao proselitismo político-ideológico e se constitui num dos pontos altos de toda a carreira do escritor, tendo obtido boa recepção crítica, com resenhas assinadas por Maurice Nadeau e Guy Leclerc, entre outros.

Já em seu exílio político, que vai de 1948 a 1949, o militante e o escritor formam um só Jorge Amado: o jornal *L'Humanité*, órgão oficial do Partido Comunista Francês, abriga entrevistas e artigos de apologia do regime e de denúncia da repressão sofrida pelos militantes (e não apenas no Brasil), no contexto do macarthismo norte-americano e da guerra fria entre o Ocidente e a União Soviética; por sua vez, o semanário *Les Lettres Françaises*, dirigido por Aragon e voltado para a arena cultural, publica com grande destaque a tradução de *Seara vermelha* – em francês *Les chemins de la faim* (1949). A edição folhetinizada ocupa, durante vinte e oito edições sucessivas, toda a contracapa do jornal, sempre acompanhada das xilogravuras de Carlos Scliar, artista plástico vinculado ao Partido e também exilado em Paris.

Escritor formado na redação do jornal, Amado se apropria mais uma vez da indústria literária para lhe dar finalidade explicitamente política. E, apesar de ambientado no sertão brasileiro, *Les chemins de la faim* permite homologias e alusões ao quadro europeu do pós-guerra, onde indivíduos desterritorializados

vagam pelos caminhos da fome e de carências de toda ordem a fim de reconstruir, nem sempre com sucesso, suas vidas e famílias. Exilados em seu próprio país, os migrantes amadianos encarnam o drama do desenraizamento – recorrente em diversas literaturas e tão próprio da era moderna, sobretudo no século XX – ganhando assim uma dimensão universal.

Em *Seara Vermelha* vemos retomado o paradigma narrativo do engajamento romanescos consagrado desde *Jubiabá*. No texto, a multiplicidade de personagens e ações, de tempos e de espaços converge para um enredo consecutivo e progressivo, em que o romance de tese enquadra o romance histórico. No intuito de demonstrar que a história caminha necessariamente para o socialismo, a trama vincula o destino de uma família ao destino de toda a nação. A opressão dos latifundiários sobre os camponeses surge a partir do drama de Jerônimo e seu grupo, típicos lavradores sem-terra obrigados a deixar a fazenda, no Nordeste do Brasil, em busca de emprego em São Paulo, a milhares quilômetros de distância. Durante a viagem, o narrador vai abrindo sua câmera para uma visão grande angular do país, em que eventos do passado recente das revoltas camponesas – o movimento messiânico de Canudos e o cangaço – são recuperados para o presente da narrativa e preparam o terreno para Amado ficcionalizar e, ao mesmo tempo, fazer a crítica do fracassado golpe comunista de 1935 no Brasil.

Seara Vermelha dá a impressão de ter sido escrito para folhetim. Divide-se em dois grandes blocos, contrapostos maniqueisticamente, cada um com três partes. No primeiro bloco – «Os caminhos da fome»: o sertão, o grande rio e a cidade – os personagens percorrem o país sem sucesso em busca da terra e do emprego. No segundo – «As estradas da esperança» – cada um dos filhos do casal protagoniza umas das três tentativas de revolta social: o messianismo, o banditismo social e o comunismo. Após a derrota, cabe ao «herói positivo» vivido pelo militante do partido refletir sobre os erros do passado, a fim de retornar ao sertão e recomeçar o ativismo junto aos camponeses. Além dessa linearidade, Amado, num exemplo de apropriação com fins ideológicos de elementos consagrados no imaginário cristão, vale-se da metafóricidade bíblica a fim de garantir a comunicação imediata com o público: na seara da desigualdade nascerá o fruto da revolução².

O texto do romance, muito próximo do realismo socialista, pouco destoa da retórica insurrecional presente nas falas do deputado e nas proclamações e artigos do militante. E, antes mesmo do drama dos camponeses desterrados adentrar semanalmente nos lares franceses, o discurso do exilado já o fazia: em fevereiro de 1948, poucas semanas após sua chegada, Amado concede entrevista explosiva a Pierre Daix, publicada em *Les Lettres françaises*, onde declara:

Entre nós, a pressão do imperialismo americano é incomparavelmente mais forte que aqui. [...] Ela se torna cada dia mais e mais cínica, mais e mais aberta. Não apenas o governo do ditador Dutra não tem mais independência de fato, mas não há nem mesmo uma aparência de independência.³

Além do tom inflamado e polêmico, característico de seu «romance proletário», bem como de certas intervenções na imprensa brasileira nos anos 30, este pequeno trecho já deixa clara a postura a ser assumida pelo exilado no pós-guerra. Ele não aceita reduzir-se ao papel de refugiado que deve ficar alheio ao que se passa no país que o acolhe, nem se furta a comentar publicamente a situação política da França e da Europa. A partir de uma pergunta feita sobre o Brasil, o escritor se posiciona contra a política externa norte-americana, para insinuar que, também na França, havia a «pressão do imperialismo»... Intelectual ligado organicamente ao aparelho partidário, sua postura é a de prosseguir atuando como militante que, mesmo no exílio, não deixa de agir e fazer política todo o tempo.

Em sua *Message d'espérance* (1948) – escrito de Natal dirigido a Luís Carlos Prestes e publicado na capa de *Les Lettres Françaises* – Amado apela novamente ao discurso religioso a fim de apropriá-lo dialeticamente: fala dos ricos que esbanjam e dos pobres que passam fome e privações... Aparentemente voltado para criticar a política e a economia brasileiras, o texto se encaixa à perfeição no contexto francês do pós-guerra, com as conhecidas dificuldades de emprego e abastecimento. E, em meio às chamadas à solidariedade entre os oprimidos, por diversas vezes alude ao socialismo, vinculando-o, por fim, ao espírito natalino: «um dia, todos os dias serão como o de Natal»⁴.

Junto com Zélia Gattai e outros exilados, o escritor cumpre as tarefas do partido: escreve, viaja, faz palestras, comparece a assembleias de operários e a reuniões organizadas pelo PCF. Em menos de dois anos, visita outros países, inclusive da Europa do leste, sempre em atividades do movimento comunista internacional, ou expressamente vinculadas à política exterior soviética. Torna-se amigo de Georg Lukács e de vários escritores de esquerda, como a alemã Anna Seghers e os russos Fadeiev e Ehremburg, entre outros. A esta altura, a estratégia soviética era a de manter as fronteiras do que, mais tarde, viria a ser a chamada «cortina de ferro», aí incluída a Alemanha Oriental. Nesse contexto surge, sob inspiração direta do Kremlin, o «Movimento Mundial pela Paz», como forma de mobilizar a opinião pública, sobretudo no Ocidente, contra novos confrontos armados, e, desta forma, garantir os territórios conquistados aos nazistas pelo Exército Vermelho.

O romancista integra, como representante do Brasil, o «Comitê Internacional dos Partidários da Paz» e colabora na organização de seu I Congresso Mundial, que se realiza em Paris em 1949. Na semana do evento, os muros da cidade aparecem cobertos com as *Palomas de la Paz* criadas por Picasso e que, depois, emprestarão seu nome tanto à filha do pintor quanto à do romancista. E os dois amigos envolvem-se em ações verdadeiramente rocambolescas a fim de trazer o ex-senador Pablo Neruda ao Congresso, pois este, foragido do governo chileno, não tinha visto de entrada na França.

A esta altura, o pequeno apartamento ocupado pelo escritor no Hotel Saint Michel era local de constantes encontros de exilados e ativistas. Os tempos eram

de guerra fria e tais atividades não deixavam de despertar suspeitas. Todavia, só mais tarde o grupo toma conhecimento de que a *blanchisseuse* que prestava serviço à família, era de fato uma agente secreta da polícia política, conforme podemos ler nas memórias de Zélia Gattai (1984, 331-333).

Ainda segundo a autora, logo após retornar das férias de verão no Leste europeu, o casal é chamado à Prefeitura de Polícia e recebe a notícia: «Vocês têm quinze dias para deixar a França!» Vigiados e tidos como agentes de Moscou, são expulsos sumariamente o escritor e a esposa, além de Neruda e outros brasileiros. O país da liberdade e da fraternidade não ouviu os apelos de artistas e de intelectuais nas duas semanas que se seguiram. E esses quinze dias se transformaram em mais de quinze anos sem que o casal tivesse renovado seu *permis de séjour*... permanecendo ambos impedidos de retornar à França, mesmo depois de Amado refutar o stalinismo e deixar o Partido em meados dos anos 50. Somente em 1965, graças à intervenção de Guilherme Figueiredo, então adido cultural brasileiro em Paris, junto ao ministro da Cultura, André Malraux, o casal terá de volta o direito de visitar Paris, cidade de seus amores e sonhos libertários. E somente a partir deste retorno estarão abertas em definitivo as portas para o reconhecimento acadêmico da literatura de Amado e para o crescente sucesso entre os leitores franceses.

Engajamento, exílio e recepção literária

O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Drummond

Os acontecimentos narrados até aqui exemplificam um caso especial de exílio. A começar, pelo fato de o autor ter sido obrigado a deixar o país não pelo conteúdo de seus escritos, mas devido à atuação política. Da mesma forma como Neruda no Chile, Jorge Amado se exila não por ser o «romancista do povo», mas por atuar politicamente como membro de um partido proscrito. Apesar do «ditador Dutra», na incipiente democracia brasileira do pós-guerra construía-se o Estado de Direito, e seus livros, mesmo a panfletária biografia de Luiz Carlos Prestes, não eram mais recolhidos pela polícia nem queimados em praça pública.

Por outro lado, quando desembarca em Paris vai fazê-lo na condição de personalidade do movimento comunista internacional, companheiro de viagem, agora também no sentido não-figurado, de tantas outras vítimas da intolerância vigente durante a guerra fria. Personalidade que, não nos esqueçamos, receberá três anos depois nada menos que o «Prêmio Internacional Stálin» – espécie de Nobel do mundo comunista de então. Será, pois, nessa condição que irá viver os tumultuosos meses em que se hospeda no Hotel Saint-Michel. Integrante da

«onda vermelha» que se espalhava mundo afora e em breve chegaria à China, parece não sofrer o isolamento que caracteriza os despatriados, segundo a perspectiva de Said (2003). Ao contrário, cerca-se de velhos e novos amigos e companheiros, ganha as páginas dos jornais, envolve-se com a política e a polícia... Na narrativa de viagem que publica mais tarde a respeito dos países do bloco soviético, o romancista aborda o novo sentido de pátria criado pelo discurso da utopia:

Há quase vinte anos, pela primeira vez voltei meus olhos para o novo mundo que se constrói ao leste, e desde então não deixei de fitá-lo com esperança e com amor. Eu era naquela época um jovem de 18 anos que iniciava sua vida de escritor. O inconformismo que marcava a geração surgida com a revolução de 30 fazia-me buscar o farol pelo qual me orientar. (1951: 14)

A par do otimismo e da boa fé algo ingênua que move o panfletarismo do texto, fica explícito o quanto o «farol» da ideologia relativiza e alarga para o autor as fronteiras da comunidade imaginada do socialismo. A imagem do farol dialoga com a escuridão sufocante da «triste noite fascista» – e aqui recorreremos novamente a Drummond – e indicia o quanto o discurso ideológico gera em termos de crença e fervor. Pelo discurso, transformado em motor da «esperança» e do «amor», mas também da ação política, o desterrado encontra os companheiros e escapa da solidão.

Nesse contexto, uma questão se coloca: qual o impacto da militância e do exílio sobre circulação da obra?

A presença do escritor entre a militância de esquerda leva-o sem dúvida a inúmeras perseguições, tanto de um lado como de outro do Atlântico⁵. Todavia, como num risco calculado, tal atuação tem sua contrapartida na recepção da obra. E assim acontece desde a adesão ao comunismo e a redação do primeiro «romance proletário». Ao ser lançado, em 1933, *Cacau* é prontamente apreendido pela polícia. Mas, uma vez liberado, venderá dois mil exemplares em quarenta dias, dado extremamente significativo para a época, sobretudo em se tratando de um autor recém-chegado ao mundo das letras. Mas nem tanto assim ao mundo da imprensa, pois, desde a década anterior, o romancista acumula experiência nas redações dos jornais, tanto na Bahia quanto no Rio de Janeiro, chegando, em 1935, a redator do matutino carioca *A manhã*, órgão da ANL – Aliança Nacional Libertadora – empastelado no bojo das agitações políticas daquele ano.

O engajamento político e a conseqüente repressão sofrida por Amado – seja enquanto autor de obras apreendidas e queimadas seja enquanto jornalista a serviço do partido – exercem um papel amplificador e de caixa de ressonância que auxilia as narrativas a ganharem rápida notoriedade, a par dos inegáveis méritos de textos voltados para o grande público. E logo o nome do escritor atravessaria as fronteiras do país. Em 1935, *Cacau* e *Suor* são publicados em Moscou e se transformam, salvo engano, nos únicos romances da literatura brasileira traduzidos

para o russo até aquele momento. E a partir de 1935-1936, seus primeiros livros ganham tradução para o espanhol e chegam aos países vizinhos: *Cacau e Mar Morto* saem pela Editora Claridad, de orientação esquerdista; *Jubiabá* pela Imán, ambas da Argentina; e *Suor* é publicado pela Ercília, do Chile.

Em 1937, o escritor e a primeira esposa realizam um longo périplo pelos países da América Latina. Desta forma, enquanto o jovem carbonário escapa do clima repressivo instalado nos meses que antecedem a decretação do Estado Novo, sua presença nos países hispânicos propicia a exibição do rosto autoral e agrega o dado biográfico da perseguição política à recepção das histórias dos boias-frias *avant la lettre* do sul baiano e dos lúmpens urbanos de Salvador. O engajamento abre para o escritor a ascensão a um plano internacional. Por um lado, os romances do tempo da utopia servem aos objetivos do movimento comunista, por outro, a condição de companheiro de viagem da revolução mundial vai descortinar para os textos um número cada vez maior de leitores. À época, o autor declara:

O mundo já começa a se interessar pela literatura brasileira. Livros novos são traduzidos e agradam. Há poucos dias um escritor norte-americano, Samuel Putman, escrevia numa revista dos Estados Unidos um artigo onde de repente dizia uma coisa mais ou menos assim: «por mais incrível que pareça os melhores romances de massa que se fazem hoje no mundo são os brasileiros». E citava a Érico Veríssimo e a mim. (*Apud* Tâti, 1961: p. 93, grifos nossos)

As declarações de Putman acentuam o quanto o sentido de nação ganha em termos de *pátria literária*. Como é sabido, o texto amadiano se filia à corrente neorrealista e engajada, que aflora em praticamente todo o mundo ocidental após a revolução de 1917, e que ganha impulso com a radicalização ideológica dos anos 30. Deste modo, ao companheirismo internacional advindo da postura de esquerda adiciona-se a identificação com a estética do romance social. É, portanto, toda uma rede literária e política que se estende em torno do jovem que, aos vinte e quatro anos, via suas histórias atingirem outros países. E o «menino de buço», como o chamava Oswald de Andrade, não se faz de rogado. Tendo já visitado Buenos Aires em 1935, no ano seguinte publica, juntamente com a tradução dos romances, um artigo bombástico no periódico argentino *Pan*, no qual declara nada menos que estava «terminado o movimento modernista» no Brasil... Classificando-se como partícipe do «post-modernismo», vitupera contra o absenteísmo artístico e classifica o romance como um «ser político» e uma «arma para a luta»:

Nos encontramos num momento angustioso. E transformamos a revolução puramente literária dos modernistas num movimento de literatura social. [...] Nós nascemos da guerra e da revolução russa. Somos uma geração de romancistas. (*Apud* Tâti, 1961: pp. 88-93)

Assim, além da identificação de forma e pensamento, há de se acrescentar um outro elo à corrente de simpatia existente em torno de Amado: o dado etário ou geracional, que leva o indivíduo a encontrar acolhida entre os pares de outras terras, conduzindo o *eu* autoral ao aconchego de um *nós* coletivo e solidário. Embalada pela utopia, a *pátria literária* confunde as fronteiras da geografia com as da história, o menino nascido entre roças de cacau no sul baiano se quer integrante de uma geração presente em muitos países e passa a conformar sua identidade de escritor aos sucessos ocorridos no outro lado do planeta.

O roteiro pelas três Américas inclui Uruguai, Argentina, Chile, Peru e México, retornando com rápida passagem pelos Estados Unidos e Cuba. Nas crônicas que escreveu durante a viagem, mais tarde publicadas em *Dom Casmurro* e *Diretrizes*, e recentemente reunidas em livro, o autor menciona as visitas às editoras, as entrevistas à imprensa, os contatos com outros escritores e artistas. Discorre ainda sobre o vigoroso movimento editorial de Argentina e Chile, países que figuravam à época como polos editoriais que abasteciam todo o público leitor latino-americano. Isto em função da fragilidade do México no setor, sempre dependente das edições espanholas, interrompidas naquele momento devido à guerra civil. E arremata afirmando que «o escritor mexicano ainda prefere publicar seu livro na Argentina e Chile, a publicar no seu país. México ainda é um mercado para as editoras estrangeiras, antes de ser um abarrotador de mercados.» (2001: p. 93) Como se pode notar, o comentário do jovem homem de letras deixa explícita a conduta de quem quer conhecer as artimanhas da profissão, até mesmo para fazê-la rentável a ponto de o sustentar.

Por esta época, Roger Bastide defende a concepção de que Amado, ao penetrar nas raízes da injustiça que imperava nas relações de trabalho figuradas em seus textos, transformava o Nordeste brasileiro numa «categoria universal». Mesmo considerando acertada uma tal interpretação, há de se ressaltar que a internacionalização da obra não fará dela uma literatura cosmopolita ao pé da letra. É fato que *Capitães da Areia* foi quase todo composto durante a viagem de que falamos acima. Mas é fato também que isto não interfere no localismo retratado, nem impede a obra amadiana de prosseguir cada vez mais brasileira e regional. *Mar Morto* e *ABC de Castro Alves*, para ficarmos nos escritos da segunda metade dos anos 30 e do início da década de 40, fazem da cidade da Bahia o complemento urbano das tramas ambientadas nas «terras do sem-fim», onde a riqueza brota do chão regado com o suor dos «alugados» e com o sangue dos que não aceitam o mandonismo dos coronéis.

O clima policial do Estado Novo leva o autor a cruzar novamente a fronteira gaúcha em 1941, tendo desta vez Buenos Aires como refúgio. De acordo com Carneiro e Rubin (1992: p. 39), o autor tem presença constante na imprensa, escrevendo para *Sud* e *La Critica*. Além disso, promove a adaptação radiofônica de *Mar Morto*, levado ao ar pela rádio *El Mundo*, de Buenos Aires.

É lá que Amado escreve e publica, também pela Claridad, *A vida de Luiz Carlos Prestes*, biografia panfletária destinada à campanha pública pela anistia ao líder comunista, mais tarde recolhida pela polícia argentina e incendiada a mando de Peron. Mais uma vez, a repressão constrói uma aura de heroísmo em torno do livro, cujas páginas, muitas vezes datilografadas ou até fotografadas uma a uma e contrabandeadas pela militância, difundem-se de mão em mão Brasil afora, na calada da noite da ditadura varguista. Tal fato, que, guardadas as devidas proporções, não deixa de lembrar a divulgação das sátiras de Gregório de Matos, ou a das *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, carrega de simbolismo uma literatura escrita no calor da hora da luta política. Ao mesmo tempo, aponta para o alargamento de fronteiras provocado, ao longo de todo o século XX, pela atuação dos intelectuais orgânicos.

A escrita de viajante da utopia ainda produzirá um último rebento, em 1951, com a publicação de *O Mundo da Paz*, livro de propaganda dos países do bloco soviético posteriormente renegado pelo escritor, que não permitiu a reedição. O texto evidencia a condição autoral de integrante do movimento de arregimentação política oriundo de Moscou no pós-guerra. Um membro com atuação muito mais na frente intelectual, do que propriamente nos exíguos espaços de decisão política. Tal condição faz dele efetivamente um «escritor de partido» e amplia mais ainda a projeção internacional de sua obra. Na otimista crônica de viagem iniciada no inverno de 1948 para 1949, as «democracias populares» são inscritas como o mundo da paz pelas lentes róseas do entusiasmo militante, que vem, assim, coroar duas décadas de populismo literário e indicar para o escritor o caminho do reconhecimento oficial do *establishment* soviético:

No avião pensara na URSS, na sua importância para todos nós, milhões e milhões espalhados pelo mundo, militantes do progresso e da felicidade do homem sobre a terra. Pensara em quanto são vastos seus limites, não apenas os geográficos, que vão das regiões polares ao centro da Europa, das montanhas do Cáucaso ao mais profundo da Ásia, mas aqueles que passam pelo coração de cada homem, em qualquer país do mundo, por mais distante que ele se encontre das muralhas do Kremlin. (1951: 15, grifos nossos)

Ao discutir a condição do exilado, Said (2003) remete ao fenômeno do sujeito deslocado que, movido pelo desejo de integração, chega a pôr de lado em certos momentos a própria autonomia individual, refreando a discordância e a crítica. No trecho acima, já de início avulta o aspecto messiânico que envolve a militância revolucionária e que faz do comunismo uma espécie de religião política rigidamente hierarquizada. E, no decorrer da narrativa, o entusiasmo sectário leva o autor a fechar os olhos aos inúmeros problemas existentes na ditadura do proletariado. Para Jorge Amado, o novo mundo do Leste só mais tarde revelaria a dolorosa e cruenta face do socialismo real.

Ao deixar Paris após a expulsão, é recebido com esposa e filho no «Castelo dos Escritores», em Dobris, na Checoslováquia, que pertencera à aristocracia de antes da guerra e, no momento, abrigava os «engenheiros da alma humana» do realismo socialista. Lá, o autor convive com inúmeros camaradas intelectuais europeus, sobretudo do Leste. Lá nascem a filha Paloma e a trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade*, na qual a distância geográfica e temporal não irá impedir a ficcionalizada memória amadiana de penetrar nos porões sombrios do período Vargas. O texto propõe-se a narrar «de dentro» a repressão sofrida pelos militantes brasileiros, mas não esquece Olga Benário nem os estrangeiros que aqui se sacrificaram em nome do não lugar de tantos lugares chamado utopia.

Dobris presenciará, mais adiante, o espírito crítico do autor voltar-se lentamente para o próprio umbigo do regime, pois entre as falas de alguns visitantes começam a circular rumores a respeito dos *Gulags* e da repressão aos que divergiam do stalinismo. E entre as reviravoltas políticas de um e de outro lado do Atlântico, deteriora-se aos poucos o poder do «guia genial dos povos», ameniza-se o controle policial sobre a esquerda brasileira, criam-se as condições para o retorno. Em 1952, eles deixam o refúgio no «jardim de inverno» tcheco (GATTAL, p. 1988) rumo ao Brasil. Findo o exílio, Amado ainda lutará por três anos contra a dúvida, até que, algumas viagens depois, e revelados os crimes de Stalin, deixará de vez o partido.

A volta para casa indica o posterior desembarque do comboio da revolução. O final da década, que vê o comunismo chegar ao continente, verá também o autor tratar o povo com outros olhos, na nova perspectiva que se descortina a partir de *Gabriela, Cravo e Canela*. Afirmando pensar agora «com a própria cabeça», mas sem se transformar em dissidente ou mesmo em anticomunista, como alguns ex-camaradas ilustres, abdica do papel de intelectual orgânico, para, segundo repetiu em inúmeras declarações, dedicar-se «apenas» à literatura. A entrada na Academia Brasileira de Letras, em 1961, marcará o definitivo adeus às armas frente à militância. A esta altura, estava consolidado o prestígio internacional, com cerca de trezentas publicações no exterior, fato inédito à época e que faz dele nosso romancista mais conhecido e traduzido mundo afora, pelo menos até que surja, no final do século, o fenômeno Paulo Coelho. Mas esta é outra viagem.

Resumo: Além de recuperar elementos da biografia de Jorge Amado como escritor militante do Partido Comunista Brasileiro, em especial no tocante à sua atuação política e cultural em outros países, nos períodos em que viveu como exilado (1941-1942 e

Abstract: This paper objective is to consider the particularity of Jorge Amado himself as an expatriate and, at the same time, his condition of *compagnon de route*, as well as a personage of the international communist movement. Besides, this article recovers elements of Amado's

1948-1952), o artigo objetiva refletir sobre a especificidade da condição de despatriado e, ao mesmo tempo, de *compagnon de route* e personalidade do movimento comunista internacional. Em paralelo, estabelece relações entre esta condição e a recepção da obra amadiana no exterior.

Palavras-chave: Engajamento – Exílio – Recepção Literária.

biography, as a writer and militant of the Brazilian Communist Party, specially in what concerns his political and cultural performance in foreign countries, within the time when he lived in exile (1941-1942 and 1948-1952). In the same path, it establishes a relationship between this condition of banishment and the acknowledgment of Amado's work abroad.

Keywords: Engagement – Exile – Literary Acknowledge.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMADO, Jorge. *Bahia de tous les saints*, trad. Michel Berveiller et Pierre Hourcade. Paris: Gallimard, 1938.
- «Les Chemins de la faim.» *Les Lettres françaises*, Paris, n.ºs 246 a 273, 1949-1950.
 - «Message d'Espérance.» *Les Lettres françaises*, Paris, n.º 197, pp. 1 e 3, fev. 1948.
 - *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
 - *O Mundo da Paz*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1952.
 - *A Ronda das Américas* (org. Raúl Antelo). Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2001.
- CAMUS, Albert. «Bahia de tous les saints par Jorge Amado.» *Alger Républicain*, Paris, 09-04-1939.
- DAIX, Pierre, «Entrétiem avec Jorge Amado.» *Les Lettres françaises*. Paris, n.º 197, p. 4, fev. 1948.
- FLORESTA, Nísia. «A Mulher.» *Cintilações de Uma Alma Brasileira*. Introdução de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- *Cartas – Nísia Floresta & Auguste Comte*. Org. Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.
- GATTAI, Zélia. *Senhora Dona do Baile*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- *Jardim de Inverno*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- GIDE, Andre. *Journal 1942-1949*. Apud MILLIET, Sergio. *Diário Crítico*, vol. VII. São Paulo: EDUSP, 1981, p. 265.
- RUBIM, Rosane e CARNEIRO, Maried. *Jorge Amado 80 Anos de Vida e Obra: Subsídios para Pesquisa*. Fundação Casa de Jorge Amado, 1992.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TÁTI, Miécio. *Jorge Amado Vida e Obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

¹ «On n'y discute pas sur l'amour. On s'y suffit d'aimer et avec toute la chair. On n'y rencontre pas le mot de fraternité, mais des mains de nègres et des mains de blancs (pas beaucoup) qui se serrent. Et le livre tout entier est écrit comme une suite de cris ou de mélopées, d'avances et de retours. Rien n'y est indifférent. Tout y est émouvant.» CAMUS, Albert, *Alger Républicain*, Paris, 09-04-1939.

- ² Para o aprofundamento dessa apropriação do imaginário cristão pela retórica partidária e pelo discurso amadiano em particular, ver nosso *Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia*, 2.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- ³ «Chez nous, la pression de l'impérialisme américain est incomparablement plus forte qu'ici et. Elle devient chaque jour de plus en plus cynique, de plus en plus ouverte. Non seulement le gouvernement du dictateur Dutra n'a plus d'indépendance véritable, mais il n'a même plus une apparence d'indépendance.» DAIX, Pierre, Entretien avec Jorge Amado. *Les Lettres françaises*, n.º 197, 26-02-1948, p. 4.
- ⁴ «un jour, tous les jours seront comme celui de Noël», *Les Lettres françaises*, cit., pp. 1 e 3.
- ⁵ Miécio Táci (1961) refere-se às três vezes em que Jorge Amado esteve na prisão: a primeira, entre dezembro de 1935 e janeiro de 1936; a segunda, em novembro-dezembro de 1937; e a terceira em setembro-outubro de 1942, seguida da ordem de confinamento e de um período de liberdade vigiada na Bahia, que duraria até 1945.